

O CESSAR-FOGO: E AGORA?

A trégua EUA-Irã é pausa tática, não acordo definitivo; enquanto China e Paquistão emergem como fiadores da estabilidade, a continuidade do conflito no Líbano ameaça reacender a região; o futuro depende de uma diplomacia ágil e efetiva diante de um equilíbrio frágil.

Marco Antonio de Freitas Coutinho*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A trégua entre Estados Unidos e Irã representa uma pausa estratégica, não uma solução definitiva. Washington buscava uma saída para um conflito que se tornou politicamente insustentável, e apresenta o acordo como uma vitória. Enquanto isso, Teerã também tenta consolidar a narrativa de vitória.

A mediação paquistanesa foi decisiva para evitar uma escalada que poderia ter fechado o Estreito de Ormuz por tempo indeterminado.

A China emerge como um dos grandes vencedores diplomáticos deste episódio. Pequim atuou de forma discreta, mas constante, usando canais com Teerã e capitais regionais para empurrar o Irã em direção à mesa de negociações. As dezenas de contatos do chanceler chinês e as viagens do enviado especial ao Oriente Médio mostram que a China não é apenas um parceiro econômico do Irã, mas um ator político que se posiciona como fiador de estabilidade em crises que afetam diretamente o fluxo de energia.

Ao contribuir para a construção do cessar-fogo, a China reforça sua imagem de potência capaz de mediar conflitos em que os Estados Unidos estão diretamente envolvidos. Isso amplia sua influência sobre Teerã, fortalece laços com países do Golfo e projeta Pequim como alternativa diplomática em um sistema internacional cada vez mais fragmentado. Em termos estratégicos, a China protege seu acesso ao petróleo e, ao mesmo tempo, capitaliza politicamente sobre o desgaste americano.

Por outro lado, Israel emerge como o principal ponto de tensão. Ao excluir o Líbano do cessar-fogo, Tel Aviv abre uma nova fase da guerra, agora focada no Hezbollah. A ofensiva no sul do Líbano pode se transformar em um conflito prolongado, com potencial de devastação semelhante ao observado em Gaza. A oposição israelense vê o cessar-fogo como uma derrota estratégica e pressiona Netanyahu a demonstrar força.

A continuidade da guerra no Líbano coloca em risco a trégua regional. O Hezbollah mantém capacidade de resposta e o Irã pode retomar ataques caso considere que seus aliados estão sob ameaça existencial. A divergência entre a agenda israelense e a americana cria um desalinhamento perigoso, enquanto a China observa e acumula capital político como defensora da desescalada.

No plano internacional, a trégua foi recebida com alívio, mas também com cautela. Grandes potências reconhecem que o acordo é frágil e que as próximas duas semanas serão decisivas. A queda do petróleo mostra que o mercado reagiu positivamente, mas permanece atento ao risco de reversão.

O cenário aponta para uma janela estreita de diplomacia. Se bem aproveitada, pode abrir caminho para negociações mais amplas, nas quais China e Paquistão tendem a ganhar ainda mais protagonismo. Se fracassar, a região pode retornar rapidamente à instabilidade, com o Líbano como epicentro da próxima fase do conflito e o Estreito de Ormuz novamente como instrumento de pressão iraniana sobre a economia global.

Publicado no Substack: [GRU! Geopolítica em Ação](#).

****Marco Antonio de Freitas Coutinho** é coronel da reserva do Exército Brasileiro, bacharel em Ciências Militares pela AMAN, mestre em Operações Militares pela EsAO e em Ciências Militares pela ECEME. Coutinho é pós-graduado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e Mestre em Ciência Política Internacional pela Fundação Universitária Iberoamericana (Espanha). É coautor do livro “Guerra Russo-Ucraniana: O Conflito que Redesenhou a Geopolítica Mundial”. Pode ser contatado pelo e-mail: marcoutho@hotmail.com. Acompanhe seu trabalho pelo Substack: <https://substack.com/@marcoutho>.*
